

II SIMPÓSIO
DE ESTUDOS
LINGÜÍSTICOS
E LITERÁRIOS



LITERATURA E
1
CRÍTICA CULTURAL

O NÃO-LUGAR DA LITERATURA*

Eneida Maria de Souza**

Em texto de 1958, *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, Gilberto Amado relata suas impressões de viagem, ocorrida em 1912, e expressa a admiração que sente por Paris, a capital do século XIX:

Não sei dar lições de prazer. E como ensinar o que não se aprende? Quem precisa de mestre para ser feliz na França e conhecer Paris, jamais conhecerá Paris ou será feliz na França. Nasce-se para entender a França; o entendedor de Paris não se faz. E por infinitas razões, umas de resto legítimas, entre as quais, por exemplo, a do meio em que se foi criado. É aí que se forma a sede, a fome do que Paris pode nos dar.¹

A impossibilidade de fornecer lições de prazer sobre a cultura francesa é motivada pela naturalização do saber, entendida no sentido de um dom de quem nasce em ambiente propício ao aprendizado espontâneo de uma civilização modelar. As condições para se penetrar nessa cultura se baseiam na ênfase concedida ao indivíduo bem-nascido, que prescindiria do aprendizado conseguido pelo esforço e a livre-iniciativa, o que resultaria na legitimação de um conhecimento como privilégio de poucos. Ter os olhos voltados para a Europa e aceitar o culto do estrangeiro como atitude própria de determinada classe social suscitam ainda a questão da dependência cultural dos países periféricos sob o conflitante fogo cruzado da imitação e da cópia de idéias, prática igualmente reduzida a um pequeno número de pessoas. O desejo de se igualar ao outro atinge requintes de despersonalização, a ponto de o

* Este texto foi apresentado no 6°. Congresso da Associação Brasileira Comparada, realizado em Florianópolis, em agosto de 1998.

** Professora Titular de Teoria da Literatura da UFMG.

1 AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. p. 171.

sujeito se apagar como o indivíduo e de apelar para o reconhecimento internacional, diluindo-se na imagem alheia ao invés de se impor na sua subjetividade. A pretensa particularização e originalidade do conhecimento é tributária de um espírito de classe, de natureza estereotipada, atingindo dimensões universalistas e homogêneas.

Ribeiro Couto, em visita a Paris, em 1935, irá também reforçar o laço entre o saber do sujeito que viaja e a sua experiência de leitura, ao contemplar a cidade como cenário de ficção montado por seus escritores ilustres. O olhar subjetivo dirigido à cidade é, contudo, mediatizado pela literatura, que irá fornecer as pistas de reconhecimento dos lugares simbólicos, registrados e ficcionalizados pelo gesto do escritor, responsável pela construção de signos urbanos a serem decifrados por um leitor especial. Ter na bagagem um guia turístico não se compara à prática de leitura do intelectual que viaja com outro tipo de bagagem, que lhe permite penetrar, mais facilmente, na cultura do país visitado: "Esta noite quem sabe, se eu for olhar de perto a fachada de Notre-Dame, sou capaz de ver lá em cima, perto do sino, o perfil de Quasimodo (e Esmeralda andar por aí). É por isso que, no Jardim de Luxemburgo, ainda há pouco, vi Jean Valjean levando pela mão Cosette, que tossia. "Os Miseráveis" e outros romances lidos na meninice andam a seguir-me os passos, neste fim de tarde."²

A posição desses narradores, vista de forma privilegiada e distinta em relação à dos turistas, funciona como exemplo para se refletir sobre um dos possíveis lugares ocupados pela literatura, entendida na sua condição de produto ideológico e fruto de espírito de classe, uma vez que a sua legitimação é dada pelo gosto burguês. Esses defensores da alta cultura, dotados de formação europeia e conhecedores de critérios estéticos capazes de distinguir o bom do ruim, o bonito do feio, o superior do inferior, não suportam encontrar, nas ruas de Paris, "os turistas de Chicago, que fazem 'Paris em cinco dias', amontoados num autocar, enquanto as mil e uma cidades de Paris desfilam"³. Visitar a cidade em ritmo apressado e desprovido do embasamento necessário para entendê-la seria o equivalente a substituir a prática livresca pelo convívio com a cultura de massa – manifestação espúria que "banaliza o saber e homogeneiza o gosto" – considerando-se os efeitos provocados pelos processos de modernização e de democratização impulsionados pelas viagens. Passar os olhos superficialmente sobre os lugares e não se aprofundar nos pormenores significativos dos cantos das cidades traduziriam um certo tipo de interpretação generalizada do saber, que não se detém no particular, comportamento próprio de quem vive em

2 COUTO, Ruy Ribeiro. Chão de França. São Paulo: Editora Nacional, 1935. P.40.

3 COUTO, Ruy Ribeiro. Chão de França. Op. Cit., P.41.

culturas “menos avançadas”. Segundo esses viajantes, a “universalidade de superfície” constitui a atitude intelectual freqüente do brasileiro, o que o distinguiria da tendência à especialização encontrada nos franceses, pela sua capacidade de fornecer conceitos nítidos e equações inteligíveis.⁴

Com esses exemplos, retirados da tese de doutorado em História Social de Thais Pimentel, intitulada *De Viagens e de Narrativas – Viajantes Brasileiros no além-mar (1913-1957)*,⁵ pretendo discorrer sobre o não-lugar da literatura diante dos estudos culturais, com base no preconceito existente na relação entre o conceito de literatura e o de classe social. A partir do estabelecimento de lugares institucionais e simbólicos do discurso literário, tais como o da academia, da universidade e hoje, com força mais evidente, o do mercado, procede-se à historicização do conceito, com o objetivo de apontar o traço de complexidade na fixação desse discurso. A prática interdisciplinar, funcionando como mecanismo de abertura para o trânsito entre os discursos das ciências humanas, exerce papel importante nesta reflexão. Nessa operação, o literário se dilui e se transforma através de múltiplas inserções, desfazendo-se de pretensas singularidades, ao ser convocado a entrar como componente ativo na rede interdisciplinar - seja como texto-corpus utilizado nas interpretações dos demais discursos, seja como disseminador dos conceitos de ficção e de narratividade, procedimentos enunciativos bastante explorados pelo ensaísmo atual.

O debate que hoje se realiza com relação aos estudos culturais e aos estudos literários se ancora em preconceitos oriundos de fontes distintas, além de se apresentar como ultrapassado, se levarmos em conta que, no princípio do século, a elite intelectual brasileira desconhecia estarem os movimentos de vanguarda procedendo ao questionamento da noção de arte como peça de museu e valorizando outras manifestações culturais, como a publicidade e o jornal. Mesmo aqueles que não utilizavam a experiência de viagem como parâmetro para as preferências estéticas se nutriam igualmente das leituras e do ambiente europeizado, hábito freqüente cultivado, até meados do século XX, pela classe letrada brasileira. Em virtude das mudanças de costume propiciadas pela modernização crescente nos países periféricos, a literatura, discurso que até então concedia status e importância a quem a ela se dedicava - principalmente na condição de escritor - vê-se inserida no rol heterogêneo e pouco nobre da multiplicidade discursiva, destacando-se aí a presença da mídia. Os estudos culturais, ameaça que paira no interior dos estudos literários e comparatistas, teriam, no entender de seus detratores, a marca de uma denominação espúria que a academia americana levou adiante a partir

4 AMADO, Gilberto. Mocidade no Rio e primeira viagem à Europa. Op. Cit., p. 308.

5 PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. De viajantes e de narrativas: viajantes brasileiros no além-mar. (1913-1957). Tese de Doutorado em História Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 1998.

das pesquisas inglesas. Esses estudos passam a ser considerados como os responsáveis pelo atual descaso da literatura, deslocada de seu pretensão lugar e desprovida de sua devida importância.

A insistência na defesa de uma especificidade da literatura no meio de outras manifestações culturais deve-se ainda à desconfiança da crítica diante da prática interdisciplinar, lugar teórico que comporta o cruzamento de diversas disciplinas e o apagamento das diferenças relativas ao conceito de autonomia. A luta por territórios e a posição defensiva da crítica contra a falta de critérios de valor na escolha dos objetos culturais revelam a necessidade de controle desse estado de turbulência no qual a literatura se acha inscrita. E se atualmente a abolição de hierarquias discursivas corresponde ao semelhante descrédito diante das diferenças entre classes sociais, tais como o juízo dos gostos e da preferência estética, como entrar na discussão dos valores da arte e da literatura a partir de parâmetros que fogem do controle institucional e participam do jogo competitivo do mercado?

Diante da quebra da hegemonia dos discursos causada pela relativização dos paradigmas teóricos, a crítica tradicional, ao invés de se valer desse fato como rentável, o acusa pela neutralização valorativa do texto e pelo nivelamento da recepção. Os critérios de qualidade estariam sendo esquecidos em favor do consumo fácil do texto literário e da sujeição da obra ao gosto mediano do leitor, o que resultaria na posição igualmente condescendente da crítica cultural, voltada para os discursos das minorias e das transformações verificadas no plano da estética e do valor literário. Essa é a posição que a crítica literária tradicional tem defendido de modo radical, como argumento de resistência à ameaça de diluição dos estudos da literatura no âmbito dos estudos culturais.

A tendência desse discurso crítico é ainda a de supervalorizar humanisticamente a literatura, conferindo-lhe não só estatuto pedagógico, mas impregnando-a de função hegemônica no interior das ciências humanas, por ela se revelar na sua capacidade heurística, antecipando o que mais tarde se configuraria nos discursos da ciência. (Freud é um dos cientistas que mais acreditaram no valor antecipatório da ficção, por tê-la utilizado de forma sistemática na construção de sua teoria psicanalítica). Esse raciocínio, pautado por critérios temporais, baseia-se na concepção causal das descobertas científicas, que, configuradas através de linguagens diferentes, constitui um resquício do saber moderno, ao fixar hierarquias e propôr verticalidades na operação interdisciplinar. Repensar a questão em termos de simultaneidade temporal e não apenas de coexistência espacial das idéias representa um passo adiante na discussão, o que permite a abertura para a relação interdisciplinar segundo uma ordem transversal e contaminadora, em que se relativizam os princípios de anterioridade e de posterioridade das descobertas. Nesse sentido, torna-se temerária a defesa de um discurso a partir de seus componentes originais

e particulares, capazes de se manterem independentes graças à força ilusória de suas propriedades intrínsecas.

A polêmica carece de conhecimento teórico, principalmente da parte de quem não aceita o fato de estarem os estudos literários sujeitos a interpretações de ordem filosófica, social, histórica, psicanalítica ou política, em detrimento da análise dos princípios que norteariam a literatura. A saída metodológica para o exercício interdisciplinar, iniciada de forma mais vigorosa com o estruturalismo, proporcionou à teoria da literatura a convivência com um instrumental analítico que tanto acentuava o aspecto teórico das disciplinas quanto o potencial imagético e narrativo de suas proposições. As lições de Jacques Derrida, de Roland Barthes, de François Lyotard, de Michael Foucault, de Freud e Lacan, para mencionar alguns entre tantos, podem ser hoje revisadas – e digo revisadas, pelo fato de já se constituírem como lições – por terem rompido os limites dos campos disciplinares, estabelecendo a cooperação entre arte, literatura e teoria, e por terem entendido que nessa relação, nomeada por David Carrol de paraestética, o processo não implica o fim da teoria ou da arte, mas sua revitalização mútua: nem a idealização da estética, nem a supremacia da teoria.

As questões de cada campo deveriam ser consideradas de modo dinâmico e em permanente movimento, por estarem justamente os conceitos carentes de definição fixa e de lugar teórico.⁶ Estratégias críticas são criadas com base no intercâmbio processado entre os discursos, sem que haja o desprezo pela teoria ou a glorificação da literatura, como alguns teóricos assim se comportam: substituir um pelo outro, como é o caso de Richard Rorty (a visão edificante da literatura e a sua capacidade de persuasão cumpriria o papel dos argumentos filosóficos, desprovidos da força narrativa) ou mistificar o discurso literário em relação à teoria religiosa e filosófica – como assim procede Nietzsche.⁷

Considerar que a função crítica da literatura é a de não constituir um lugar especificamente literário, mas de deslocar todos os lugares teóricos e literários. A desconstrução da verdade não deve ser identificada

6 Cf. CARROL, David. *Paraesthetics*. Foucault, Lyotard, Derrida. New York, London: Routledge, 1987.

7 "In this book (Philosophy and the mirror of nature) Rorty offers a powerful internal critique of the basic assumptions and aspirations of analytical philosophy. He concludes that philosophy should be conducted in a more open and relaxed manner and that it should see its role primarily as 'edificatory'. That book does not have a lot to say specifically about political philosophy, though the implications of the overall argument were clear enough. However, during the 1980s Rorty increasingly turned his attention towards politics. In this context he argued for the superiority of imaginative literature to philosophical argument both as a way of gaining a richer understanding of human life and as a more effective means of persuading people to adopt more attractive principles and practices. Rorty advocated what he called 'redescription', the practice of modifying our descriptions to make what we describe look better or worse, as the appropriate form of dialogue about political values; and the masters of redescription, for Rorty, are not philosophers but novelists". BAUMEISTER, Andrea T., HORTON, John. *Literature, philosophy and political theory*. In: *Literature and the political imagination*. London, New York: Routledge, 1996. P. 11.

nem com a literatura em geral, nem com uma forma de literatura ou algum acontecimento dentro da história da literatura, pelo fato de o deslocamento nunca ter ocupado um lugar numa escrita particular. A relativização dos valores espaciais permitiu ao filósofo criar o espaço teórico relacional por excelência, o entre, em que os conceitos são utilizados em relação, sem vínculo com entidades substanciais. Dentro dessa perspectiva, desprovida de caracterização imanentista dos objetos, em que o exterior constitui a dobra do interior e não a parte estranha que remete para o fora da relação, comprova-se o deslocamento como categoria capaz de movimentar o raciocínio interdisciplinar – derrubando conceitos fixos e verdades consagradas pela cristalização de lugares e pela atomização dos interiores.⁸

Do ponto de vista da crítica brasileira, Silviano Santiago irá conduzir o conceito do entre-lugar do discurso latino-americano (1972), na esteira do universo teórico de Derrida, com vistas a refletir sobre o caráter paradoxal desse discurso, interpretando-o igualmente em termos relacionais e sem marca de categorias identitárias substancialistas e imobilistas. A lição do filósofo francês permitiu a Santiago ampliar o conceito relativo às relações interdisciplinares para a discussão sobre questões de dependência cultural, nas quais os textos das culturas hegemônicas não representariam valores absolutos e autoritários, mas estariam participando do diálogo crítico iniciado pela literatura dos países periféricos.⁹

A ausência de um lugar fixo para o saber não se circunscreve apenas no discurso literário, pois a questão abrange todo e qualquer tipo de discurso. Este debate em torno dos lugares disciplinares tem cheiro de fruta passada e já deveria estar produzindo outros frutos que enriqueceriam os estudos literários comparatistas e culturais. Pode-se inclusive interpretar o retrocesso teórico como tendência comum aos guardiões dos princípios estéticos, cuja perda constituiria o fantasma dos estudos literários contemporâneos. A posição elitista da crítica, desprovida de pudor e disposta a retomar o desgastado binarismo referente à classificação literária, que diferencia a alta da baixa literatura, não estaria ensaiando uma forma de poder de classe, que, uma vez enfraquecida, mais se empenha no desejo de reativá-la? Tem sido ainda grande o esforço da crítica em nomear os discursos que não se enquadram nos critérios da alta literatura, escolhendo-se, entre vários termos, ora o de paraliteratura, de contra-literatura, ora o de literatura parapolicial, correndo-se sempre o risco de uma classificação equivocada.

8 "The crisis of literature takes place when nothing takes place but the place, in the instance where there is no one there to know". This minimalist notion of literature situates literature in a (non) space "between" - in this essay Derrida argues this point in terms of Mallarmé's use of the paradoxical figure of the hymem - and treats it as relational rather than substancial entity. When literature is almost nothing in itself, it paradoxically reveals the most about itself and the crisis located both inside and outside itself. "CARROL, David. *Paraesthetics*: Foucault, Lyotard, Derrida. Op. Cit., p. 103.

9 Cf. SANTIAGO, Silviano. *Por uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

Se esse discurso crítico abandonasse o sentimento de perda e reelaborasse o luto de maneira a aceitar a presença, embora faltosa, da literatura no sistema cultural da atualidade, poder-se-ia atenuar o valor de propriedade exigido para os diferentes tipos de discurso. Uma vez que o objeto literário encontra-se, há muito tempo, desprovido da aura e transformado em mercadoria, recalçando-se o traço do trabalho que o produziu, torna-se igualmente difícil identificar o repertório de leituras do escritor. Esse sentimento de perda estende-se ainda à memória, que tanto pode ser cultivada como reduto das grandes obras presentes na biblioteca dos autores, quanto como resquício de outras manifestações culturais, entre as quais se inclui o universo da cultura de massa. As palavras de Ricardo Piglia, em texto publicado na Revista *Travessia*, são esclarecedoras a esse respeito: “A memória tem a estrutura de uma citação, é uma citação que não tem fim, uma frase que se escreve em nome de outrem e que não se pode esquecer. Manejar uma memória impessoal, relembrar as lembranças de um outro. Essa parece ser uma excelente metáfora da cultura moderna. Claro que nem sempre se trata, como vocês podem imaginar, da memória de Shakespeare. (Nem sempre se trata, quero dizer, da grande tradição cultural). Os materiais dessa memória alheia aparecem freqüentemente sob a forma degradada da cultura de massas; constrói-se com as formas estereotipadas da cultura popular. Não se recebe a memória de Shakespeare mas se recebe a memória dos filmes de Hollywood e isso Puig soube narrar como ninguém”.¹⁰

A memória dos escritores contemporâneos, assim como dos viajantes deste final de século, muito se distancia daquela apontada no início deste texto. A tradição cultural, entendida no sentido mais correto, configura-se como força ativa do passado, categoria sempre em movimento que se constrói de forma dinâmica ao longo do tempo. Os filmes de Hollywood, outra vertente dessa tradição cultural, são capazes de gerar narrativas e sedutoras ficções, estranhas ao paradigma literário tradicional ou à memória proustiana, mas que se acham vinculadas ao imaginário popular de grande parcela de leitores.

Conhecer países, levado pelo desejo de aprimorar experiências e filtrar subjetividades, com vistas ao auto-conhecimento e ao domínio do saber, não se enquadra mais no espírito do viajante-leitor contemporâneo, ciente de suas limitações e em busca de outros valores. Do mesmo modo que o contato com o estrangeiro traduzia o status social e o gosto estético do viajante, o convívio com a literatura propiciava a formação humanista e superior dos leitores. Os turistas que, durante as viagens, conservam na memória referências midiáticas e não apenas literárias comportam-se do

10 PIGLIA, Ricardo. Ficção e teoria: o escritor enquanto crítico. *Travessia* - Revista de Literatura. Florianópolis, n. 33, ago. - dez. 1996, p. 53.

jeito semelhante aos leitores e críticos da considerada “baixa literatura”, imune a um julgamento valorativo e inserida como nota de rodapé aos textos que compõem o cânone tradicional. Borges, contudo, já nos alertara para a relação ambígua do escritor latino-americano com o imaginário universal da literatura, fazendo da paródia seu projeto criador, sob a forma de uma nota de pé de página referente aos livros da grande biblioteca mundial. *A História Universal da Infâmia* é a reescrita, pelas margens, de micro-histórias que embaralham a certeza do centro e o colocam em tensão com as particularidades nacionais. Ou como ainda considera Piglia, “As ficções atuais situam-se além das fronteiras, nessa terra de ninguém (sem propriedade e sem pátria) que é o lugar mesmo da literatura mas que, ao mesmo tempo, se localizam com precisão em um espaço claramente definido.”¹¹

Compete ao leitor a tarefa de preferir a leitura da cidade através de um repertório composto de citações intelectualizadas ou de outra natureza; criticar a leitura apressada dos signos urbanos e o desconhecimento dos verdadeiros tesouros aí escondidos traduz uma concepção ainda racionalista do comportamento intelectual moderno, que define o conhecimento como traço diferencial de certa classe social. Felizmente, nos dias atuais, os mal-nascidos talvez consigam desfrutar, ao seu estilo, dos prazeres que a cidade de Paris oferece: seja em momento mais popular, como aquele transcorrido durante a Copa do Mundo, seja em encontros específicos, dos quais escritores e intelectuais brasileiros participaram por ocasião da Feira do Livro do Brasil, ocorrida em 1998. A cidade-luz, privada no século XX do título de capital, encontra-se povoada de imigrantes de todas as partes do planeta, os virtuais construtores de narrativas urbanas que pululam das periferias e se infiltram nas grandes avenidas. Narrativa pós-moderna, construída com fragmentos de culturas diversas e composta de personagens cuja sina são o constante deslocamento, o embaralhamento de identidades e a crise social, sintomas da falta de representatividade de classe e do apagamento do sentido de nação. A alta cultura encontra-se, paradoxalmente, disseminada nas baixas esquinas do mundo: nos viadutos de Nova York, na bolsa de valores de Tóquio e no centro das maiores cidades brasileiras.

11 Idem, p. 54.